

O Fazer Jornalístico Refletido no Âmbito da Novela – Estudo de Caso da Novela Mulheres Apaixonadas

Ester Ellwanger¹

Resumo: Esse artigo estudou como a não-ficção se insere na ficção e faz com que as pessoas mudem a maneira de compreenderem as situações reais, que aparece na narrativa ficcional da telenovela “Mulheres Apaixonadas”. Para guiar este estudo utilizamos a pesquisa exploratória e o método de documentação de pesquisa bibliográfica para podermos verificar como as informações reais são inseridas na ficção e como essas informações são assimiladas pelo telespectador.

Palavras-Chave: Telenovela, Jornalismo, Ficção, Realidade.

Voltadas inicialmente ao entretenimento, algumas telenovelas se utilizam de fatos jornalísticos em seus textos e discutem as questões dessas notícias em suas histórias. Usar a não ficção dentro da ficção é recurso comum dos autores brasileiros de telenovelas.

A novela, forma cotidiana de chamar a telenovela, foi um dos primeiros programas da televisão brasileira e ao longo dos anos se consolidou como uma das principais e mais bem sucedidas produções da TV no país. As produções brasileiras de novelas trazem como característica o realismo, aproximando o povo da realidade do país de uma forma explícita e direta, discutindo a desigualdade social, a corrupção, a violência, etc. Por isso, os autores as utilizam para despertar o interesse do público para os fatos reais do cotidiano e os estudiosos de Comunicação estão colocando cada vez mais a novela como seus objetos de estudo.

Esse artigo pretendeu estudar o fazer jornalístico refletido no âmbito das telenovelas. Tratamos da relação das informações reais inseridas nelas e como o público percebe a não-ficção dentro da ficção. Para tanto, o objeto de estudo foi a trama “*Mulheres Apaixonadas*”, do novelista brasileiro Manoel Carlos e como essa foi percebida pelo telespectador.

Tratando da reflexão do fato jornalístico inserido no âmbito ficcional novelístico, em relação às informações reais passadas através da ficção este trabalho aborda “o fato jornalístico, o real, que aparece na narrativa ficcional da telenovela *Mulheres Apaixonadas* e sua repercussão”.

¹ Possui graduação em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo pela Universidade Feevale (2009). É Assessora de Imprensa e Redes Sociais na +E2 Assessoria de Comunicação. E-mail: esterellwanger@gmail.com. Artigo retirado de Trabalho de Conclusão de Curso.

O problema que foi analisado é: se os fatos jornalísticos apresentados pela novela podem influenciar a não ficção dentro da ficção, mudando a maneira das pessoas verem os fatos jornalísticos?

Para atender as necessidades deste trabalho foi contatado que os fatos jornalísticos inseridos nas novelas influenciam o a maneira que o público assimila a notícia, fazendo com que este fique sensibilizado pela situação que é mostrada.

Como norteador do estudo em busca das respostas usamos o método de documentação através da pesquisa bibliográfica. Para aprofundar os estudos trabalhamos com a técnica de questionário. Os questionários, quantitativos e qualitativos, foram aplicados com 35 pessoas, de forma aleatória, sobre como os telespectadores percebem os fatos reais dentro das novelas e se eles assimilam melhor as notícias depois de verem ela na novela. Dentro dessas pesquisas foram usadas temas da novela que inserem o jornalismo na ficção, como por exemplo: uma cena de violência que transmite para o telespectador a realidade violenta do nosso país.

A Telenovela

Consideradas por muitos uma das principais paixões nacionais, a telenovela, vem se utilizando cada vez mais de fatos jornalísticos em suas narrativas. Mas afinal de contas o que é realmente uma telenovela? Para Samira Youssef Campedelli, (1985, p. 18), a palavra novela em muitos idiomas significa “história curta”, mas que, na realidade é uma história longa e na maioria das vezes tem mais de cem capítulos. Segundo ela:

“A semântica medieval da palavra é a mais adequada para a moderna telenovela. Na Idade Média, o termo foi usado como substantivo sinônimo de ‘entrecho’, ‘enredo’, ‘narrativa trançada’. Aplicadas às novelas de cavalaria.” (CAMPEDELLI, 1985, p. 19).

Ismael Fernandes, no livro “*Memória da Telenovela Brasileira*” (1997) comenta sobre definição para o termo telenovela. Segundo ele:

“Uma expressão pouco erudita, possivelmente desprezada pela inteligência brasileira, vamos nos aproximar de uma definição nacional, quase convincente, no mínimo mais interessante ao nosso universo. Sabem de quem? De Janete Clair. Ela mesma – a Maga das Oito. Brincando, esclareceu: ‘Novela, o próprio nome já define: um novelo que vai se desenrolando aos poucos’. Uma resposta simples demais para definir um fenômeno tão complexo... Não podemos esquecer que foi com simplicidade e despreensão que o gênero se instalou no Brasil. E que as primeiras telenovelas apenas copiavam o esquema das radionovelas – na forma e no conteúdo. Só que, nas imagens da TV, o resultado foi outro – de extraordinária repercussão.” (FERNANDES, 1997, p. 20).

Já Mauro Alencar, “*A Hollywood Brasileira*” (2002), comenta que a novela pode nascer da adaptação de um livro ou de uma história do cotidiano, mas não se confundirá com elas, pois a telenovela é uma forma de arte popular. Para Alencar (2002, p. 69), a telenovela “no Brasil, tornou-se um procedimento audiovisual diferenciado que resulta em um produto de acabamento esmerado, cuidadosamente detalhado em todo o processo e enriquecido por recursos técnicos sofisticados”.

O início da “paixão” pelas novelas, por ser o primeiro registro de comoção popular, acontece em 1964, com “*Direito de Nascer*”, adaptação da novela de rádio com o mesmo nome escrita pelo cubano Felix Caignet. A novela foi adaptada para a TV por Teixeira Filho e Talma de Oliveira e aconteceu de 7 de dezembro de 1964 a 13 de agosto de 1965. A novela causou uma comoção popular tão grande que o seu último capítulo foi ao vivo e lotou o Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, e o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Segundo Fernandes “o estádio superlotado dava uma mostra do poder das novelas sobre as massas. Numa espécie de neurose coletiva, o povo gritava os nomes dos personagens e chorava por Mamãe Dolores, Maria Helena e Albertinho” (1997, p. 50).

Conforme aborda Alencar (2002, p.69) “nas últimas décadas, a telenovela se padronizou. A audiência disparou... Produzir cerca de 180 capítulos, mantendo altos índices de audiência de seis a dez meses, envolve o trabalho de uma equipe altamente integrada e profissionais especializados e motivados”. Fernandes relata que:

“A renovação da telenovela é explosiva e rápida. No final dos anos 60, o gênero já estava solidamente implantado, graças às inúmeras produções dos últimos cinco anos. Já se exibia, então, uma televisão avançada aos moldes artísticos vigentes. A ampliação do público, via telenovela, diminuiu sensivelmente o número de aparelhos desligados – foi outro dado importante para que se investisse industrialmente no mais eficaz veículo de divulgação que o país conheceria. ... Era o momento certo para a mudança. O essencial era transformar o gênero numa arte genuinamente brasileira. Para tanto, se fazia necessário o rompimento drástico com as fórmulas marcadas até então. Curiosamente, os fatos se precipitaram, depois de um estonteante fracasso.” (FERNANDES, 1997, p. 105).

Há várias décadas, o Brasil cria, produz e exporta as novelas, que são um exemplo de qualidade da produção audiovisual e acabaram se tornando uma fonte de trabalho e uma eficiente ferramenta de transformação social. Para Alencar (2002, p.69) a novela no Brasil se tornou uma expressão audiovisual diferenciada, que tem um acabamento caprichado, atenciosamente delineando, com recursos técnicos sofisticados.

O jornalismo e a notícia

O jornalismo

O jornalismo é uma profissão que mostra a “verdade dos fatos” para a população, passando as informações e fazendo com que saibam de todos os dados sobre um acontecimento. Segundo o escritor José Júnior Arbex, (2001, p.88) “para a atividade jornalística, velocidade é cada vez mais importante. A notícia é uma mercadoria altamente perecível, torna-se antiga no instante mesmo de sua divulgação”.

A profissão nasceu quando os antigos começaram a trocar mensagens escritas entre si, inventando o processo de informação registrada escrita. Ou como coloca Elcias Lustosa, no livro “*O Texto da Notícia*”, enfoca que:

“Quando Gutenberg inventou a tipografia, em 1438, na cidade de Estrasburgo, ou melhor, quando viabilizou a utilização dos tipos móveis que haviam sido criados pelos chineses, difundiu-se rapidamente a reprodução de textos, com ampla propagação da tipografia.” (LUSTOSA. 1996, p.37).

O jornalismo (imprensa), no Brasil só surgiu de fato com a chegada da corte real portuguesa, em 1808. Para Lustosa esse surgimento aconteceu com muito atraso (1996, p.39) “a imprensa surgiu no Brasil com muito atraso em relação à Europa e aos Estados Unidos. Quando começaram a ser publicados jornais em nosso país já circulavam vários periódicos em Paris”. Segundo o autor:

“No Brasil Colônia, a operação de gráficas era terminantemente proibida. A entrada de livros no país era feita clandestinamente e a sua posse considerada crime. A imprensa só apareceria no país por iniciativa oficial, ... quando o príncipe João fugiu de Napoleão para os trópicos, trouxe um equipamento gráfico que havia sido adquirido para uma repartição de Lisboa, a Secretaria de Estrangeiros e de Guerra. Na confusão da fuga, o material foi colocado no porão do navio Medusa, que compunha a frota do imperador. O equipamento foi montado no Rio de Janeiro, criando-se a Imprensa Régia, de onde saíram alguns livros. A partir da proclamação da Independência, em 1822, a Imprensa Régia passou a chamar-se Imprensa Oficial, denominação que recebe até hoje.” (LUSTOSA. 1996, p.39).

A virada na imprensa brasileira foi a chegada da televisão no país. A primeira emissora foi fundada em 1950 em São Paulo pelo grupo Diários Associados. Segundo Lustosa (1996, p.55) “repetindo a história do rádio, o dirigente dos Diários Associados distribui 100 aparelhos receptores entre seus amigos; especialmente anunciantes, para viabilizar um público para sua TV”.

A notícia

A notícia pode ser conceituada como uma comunicação de um fato para a sociedade e é constituída da narração de fatos, investigados e checados pelo jornalista. A essência dela é o fato, que deve sempre ser mostrado por mais de um ângulo, para que o leitor tire as suas próprias conclusões sobre ele.

Mas, como se pode definir o que é uma notícia? Segundo Lustosa (1996, p. 17), a definição de notícia pode ser o método de se mostrar um fato:

“Para reduzir a definição ao mínimo possível, diríamos que notícia é a técnica de relatar um fato. Para sermos ainda mais concisos, diríamos simplesmente que notícia é o relato, não o fato. A notícia é um produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências do mercado” (LUSTOSA. 1996, p.17).

Explicando o uso da “expressão informação” que está inserida na notícia Lustosa afirma que ela “já traz embutido um juízo de valor, pois trata de um fato ou acontecimento que possui elementos valorativos que justifiquem sua publicação como notícia nos veículos de comunicação de massa” (1996, p.18).

A notícia exige uma produção e muita informação, conforme o autor enfoca que “A produção de notícia exige que se tenha e ofereça informação, caso contrário, não se realizará jornalismo, nem haverá que queira comprar a notícia” (1996, p.19).

Enfim, como Lustosa afirma “notícia, acima de tudo, é a informação e informação é tudo aquilo que desejamos saber para ter condições de fazer uma avaliação mais objetiva da realidade”. (1996, p. 31). Ele assegura que a notícia é “um relato, uma maneira particular de descrição de um fato ou da realidade”.

As Narrativas

O gênero narrativo é muito utilizado tanto nas notícias quanto nas novelas. A narrativa é a manifestação literária que mostra o desenvolvimento de uma ação (em tempo e espaço definidos) de personagens, em um determinado ponto de vista. Segundo Maria Cristina Castilho Costa a narrativa é uma maneira de expressar a temporalidade e transformando-as em metáforas:

“As narrativas são maneiras de realizar e de expressar nossa temporalidade, tornando-a tão objetiva quanto a certeza de nossa finitude e transitoriedade. São metáforas constitutivas de ordenação, de ritmos e de sequências seriais e casuais... As estruturas narrativas são formas de estabelecer modulações e durações, arquitetando a temporalidade humana. São essenciais para a construção da

identidade, tanto a individual como a coletiva, pois, a partir das considerações feitas, ser para o homem é ter uma história, é integrar durações e temporalidades”. (COSTA, 2000, p.41).

Um fator importante da narrativa é o tempo. Este, nada mais é que o mundo construído pelo autor através de marcas temporais, como: datas, meses e anos. Dentro da narrativa o autor pode usar o tempo de diversas formas para contar sua história. Costa revela que “as narrativas são a expressão da temporalidade humana, dessa organização de nossa consciência que busca ordenar de maneira conseqüente, casula, ondulatória, a realidade vivida (2000, p.43).

As narrativas são objetivas e concretas, representando o real e ao mesmo tempo projetando nele ideais e objetivos dos seres humanos e da realidade deles. Segundo a autora um dos elementos importantes para demonstrar a temporalidade de uma narrativa e trabalhar os seus acontecimentos é o gancho. Costa revela que o gancho, que será aprofundado posteriormente, provoca um momento de tensão, uma expectativa no espectador e da o poder do andamento da história para o narrador. “O gancho, portanto, provoca a desestabilização desse mergulho na narrativa – aqui chamado de processo projetivo do ouvinte na narrativa ficcional -, obrigando-o a retornar a sua própria contingência”, (2000, p.62). Afinal, o gancho é um elemento fundamental e primordial para o entendimento da trama. Ele resume a história e traz as soluções dos problemas, além de integrar as cenas, blocos e capítulos. Costa explica que:

“Assim é que o gancho aparece como elemento primordial para o entendimento da telenovela, na medida em que elege aquilo que sintetiza a trama, o que deve ser remetido para a memória, aquilo que representa a solução dos problemas e a satisfação dos desejos. É em meio aos pontos de seu tecer que se encontra a espinha dorsal dessa peculiar e ancestral expressão de nosso imaginário.” (COSTA, 2000, p. 186).

As narrativas da teledramaturgia

Uma das formas de se contar uma narrativa é através da trama, que é usada pelas novelas. Segundo Costa o folhetim é uma narrativa que surgiu com o crescimento da indústria cultural e o capitalismo urbano-industrial. “Sua forma, essencialmente ficcional e seriada, dedica-se principalmente a histórias de grande ação ou melodramáticas, capazes de atrair e prender a atenção de inúmeros leitores” (2000, p. 89).

Para a autora as narrativas nas telenovelas simulam o modelo de histórias contadas pelos antigos, como a de Sheherazade, na história Mil e Uma Noites.

“A telenovela traz, em sua certidão de nascimento, influências milenares ligadas às formas de expressão da temporalidade humana e aos recursos próprios de uma forte cultura popular narrativa. Dessa herança, apresentada a forma seriada e diária, o caráter ritual e interativo, próprios de Sheherazade” (COSTA, 2000, p. 143).

A pesquisadora descreve que com a chegada da televisão as novelas, principalmente as latino-americanas, migraram da rádio para a televisão e mudaram a sua forma de ser contada, dividida em capítulos que são passados diariamente no mesmo horário.

“Do ponto de vista da forma, essas telenovelas desenvolviam uma narrativa episódica ou seriada, de capítulos diários interrompidos pelo gancho, com duração de trinta a sessenta minutos. Na sua totalidade, a novela tinha a duração de cerca de seis meses a um ano.” (COSTA, 2000, p. 149).

A narrativa é composta também pelo espaço, que é o conjunto de elementos físicos que servem de cenário para o desenrolar da ação e dos movimentos dos personagens. Ele tem o papel de dar funcionalidade e organização a narrativa. Já a ambientação é a descrição subjetiva do espaço. Ela pode ser dividida em: ambientação franca, descrita pelo narrador; e ambientação reflexa, descrita pelos personagens. Conforme Costa o tempo é outro elemento de identificação do espectador com a trama e de cotidianização da narrativa.

Além disso, a narrativa tem um ritmo que é imposto pelo autor, narrando a história com mais rapidez ou demora. Segundo Costa (2000, p.153) a novela brasileira se transformou em um produto cultural do país, tendo sua própria narrativa as novelas do Brasil utilizam a realidade em suas histórias. Conforme a autora as novelas incorporam as tradições e desenhos narrativos e se tornam cada vez mais mutáveis e “fragmentadas”. Para a pesquisadora:

“Os atores vão incorporando papéis e, à medida em que obtêm sucesso em suas atuações, começa a haver uma reincidência nas características das personagens que lhes são destinados, que vão se assemelhando, tendendo à caricaturização. Atores e personagens misturam-se numa simbiose que impede, muitas vezes, que se saiba quem é um e quem é outro”. (COSTA, 2000, p. 169).

As narrativas do jornalismo

O jornalismo também tem suas especificidades na sua narrativa, que são conhecidas como as técnicas da notícia. Essas técnicas são usadas, tanto nos veículos impressos quanto na televisão, para passar as informações para a população.

Dentro das técnicas utilizadas nos veículos impressos, como os jornais, está o lide. Conforme Elias Lustosa, no livro “*O Texto da Notícia*”, de 1996, o lide “não é a abertura de uma notícia, mas a soma total dos detalhes do fato, da história. É o clímax do acontecimento”

(1196, p.77). Para Lustosa o lide é uma técnica usada na elaboração da notícia. Ele deve ser o primeiro parágrafo da notícia e responder as seguintes perguntas: “quem?, o quê?, quando?, como?, onde? e por quê?”.

Já na narrativa de televisão o texto é importante, mas a imagem é essencial. O texto nunca deve explicar a imagem, mas sim dar sentido à elas. A imagem e as palavras devem andar juntas. As jornalistas Luciana Bistane e Luciane Bacellar, no livro “*Jornalismo de TV*”, de 2005, revelam que “imagens também dão credibilidade e força à notícia, sobretudo às denúncias.” (p. 41). Além disso, as autoras revelam que “a televisão é audiovisual. Nela, a imagem muda perde em significado, pois os sons também fazem parte da estrutura narrativa.” (2005, p.27).

A fusão das narrativas

As narrativas da teledramaturgia e do jornalismo têm várias semelhanças e às vezes acabam se fundindo, se inserindo uma dentro da outra. Os veículos de comunicação de massa recriam a realidade, tanto no jornalismo quanto nas telenovelas. Eles simulam o real e os tornam mais atraente. Segundo Lustosa:

“Na visão pós-moderna, o veículo de comunicação de massa recria a realidade – o real – de forma mais atraente. O simulacro é uma reconstrução do real, transformando – o em uma nova realidade mais atraente do que a original. ... a imagem se transforma em objeto como se realmente existisse, sendo impossível a distinção entre a realidade e o simulacro.” (LUSTOSA, 1996, p. 95).

Para o autor esse simulacro supervaloriza as imagens. A televisão, tanto no jornalismo quanto na dramaturgia, transforma tudo em “sonho”. Ela alimenta a fantasia das pessoas e as faz perder a referência do real.

“A supervalorização da imagem cria o simulacro, onde o homem pós-moderno deixa de ter uma visão objetiva das coisas e adota uma perspectiva, um mundo imaginário das aparências. Alguém já disse que a televisão é uma fábrica de sonhos, como se dizia do rádio, quando se falava que ele era capaz de transformar um empregada doméstica em uma cantora de sucesso no palco do auditório da Rádio Nacional”. (LUSTOSA, 1996, p. 95).

Por isso, a televisão, muitas vezes reúne as narrativas da dramaturgia e do jornalismo. Conforme Lustosa: “as coisas deixam de ser reais para se transformarem em algo além de sua natureza. As pessoas tendem a perder o referente real para absorverem a simples referência oferecida pela imagem eletrônica.” (1996, p. 96).

Marcondes Filho, revela que o telejornalismo é muito próximo da teledramaturgia, porque são produzidos como espetáculos. “O jornalismo e o telejornalismo são parentes muito próximos dos dramas. Em questão de preferência popular, os noticiários ocupam o segundo lugar, logo após os dramas.” (1998, p. 52).

Sobre os ganchos das telenovelas brasileiras Costa destaca que elas usam como gancho as situações vividas pelas famílias brasileiras, assim como o jornalismo. “A maioria dos ganchos das telenovelas recentes permite perceber é que tais oposições têm sempre como cenário a família.” (2000, p. 184). Para o autor o “mundo” das novelas reflete as “tribos sociais” do nosso país, que também são retratadas pelo jornalismo.

A novela mulheres apaixonadas e suas facetas reais

A história

A novela “*Mulheres Apaixonadas*” foi produzida e exibida pela Rede Globo, no horário das 21 horas, entre 17 de fevereiro e 10 de outubro de 2003 e reprisada no “Vale a pena ver de novo”, de 1 de setembro de 2008 a 27 de fevereiro de 2009. Escrita por Manoel Carlos foi dirigida por Ricardo Waddington e teve 203 capítulos.

“*Mulheres Apaixonadas*” tem sua história girando em torno de dramas sentimentais de mulheres que moram no Rio de Janeiro, principalmente no bairro do Leblon. A protagonista Helena, diretora da Escola Ribeiro Alves (ERA), tem como conflito o final de seu casamento músico Téo e uma nova paixão.

Dentre as histórias paralelas que tiveram muito destaque foram a da mimada Dóris, que não media esforços para maltratar seus avós Leopoldo e Flora; a da sofrida professora Raquel, que além de se envolver com seu aluno Fred, ainda apanha do ex-marido Marcos.

O autor

As histórias de Manoel Carlos são marcadas por ações de propaganda social. Imagens de suas novelas foram usadas também em campanhas da Rede Globo. As novelas do autor são

marcadas por um forte compromisso com o *merchandising*² social. Manoel Carlos³ revela que tem uma preocupação muito grande pelo assunto porque acha que informando a população pode ajudar a mudar algumas atitudes.

As novelas do autor são urbanas, realistas e contemporâneas. Têm como tema a eterna busca pelo amor idealizado, reunindo cenas simples e situações rotineiras verdadeiras polêmicas e conflitos humanos como relações amorosas mal resolvidas, paixões “proibidas”, violência contra a mulher, brigas de família, o descaso com a terceira idade, entre outros. Segundo o livro “*Autores – História da Teledramaturgia*”, as histórias do Manoel Carlos, têm as coisas do dia-a-dia. “Escreve uma novela quase sempre inspirada na realidade, que também precisa passar credibilidade através do elenco.” (2008, p. 58).

Em 2003, escreveu mais um sucesso do horário das 20h, a novela “*Mulheres Apaixonadas*”. A trama abordou temas como: preconceito contra o idoso no Brasil, lesbianismo, a violência contra a mulher, entre outros assuntos. Sobre “*Mulheres Apaixonadas*” Manoel Carlos revela que teve a ideia da história quando morava nos Estados Unidos e que queria fazer uma trama sobre as paixões de várias mulheres. Além de tratar de uma trama que revelasse os maus tratos sofridos pelos idosos no Brasil. Sobre a história do casal de idosos Leopoldo e Flora, interpretados pelos atores Oswaldo Louzada e Carmem Silva, o dramaturgo ressalta que fez esses personagens para causar a discussão na sociedade sobre como tratar os idosos.

“A primeira aparição da Flora e do Leopoldo foi em uma cena na qual os dois eram atropelados pela bicicleta de uma entregador de supermercado... Além do atropelamento, a neta dos dois, que estava chegando em casa no mesmo momento, repreendia os avós pelo incidente. Chamava-os de distraídos e culpava-os por ela ter deixado cair as compras que carregava. Fiz com que os dois fossem agredidos por um ciclista, que não obedecia à lei, e pela própria neta, que em vez de socorrê-los com amor, carinho e indignação, os agredia. Com essa cena, eu instalei o problema. E foi instantâneo. A partir do primeiro capítulo, o público passou a odiar aquela neta. A Regiane Alves, que interpretava a Dóris, era hostilizada na rua já no dia seguinte àquela cena. Além disso, a Flora e o Leopoldo eram um casal de idosos carente, moravam no apartamento do filho, no Leblon. Os dois tinham uma casa na zona Norte, mas o filho os chamou para morar com ele, para poder ficar mais perto dos pais. No entanto, eles eram hostilizados pela neta por ocuparem espaço no apartamento da família. ... No final da novela, a Flora e o Leopoldo iam para uma casa de repouso. A abordagem, desse tema acabou auxiliando a aprovação do

² Merchandising social é a inserção intencional, sistemática e com propósitos educativos bem definidos, de questões sociais e mensagens educativas nas tramas e enredos das telenovelas, minisséries e outros programas de TV. Retirado do <http://www.comunicarte.com.br/conceitos.htm>, acessado em 11/12/2009 às 14h45min

³ Entrevista concedida por Manuel Carlos para o livro *Autores – História da Teledramaturgia*.

Estatuto do Idoso no Senado Federal.” (Autores – História da Teledramaturgia, 2008, p. 79).

Sobre o tema da violência contra a mulher Manoel Carlos explica que decidiu colocá-lo em sua telenovela por ser uma realidade do nosso país e achar que ela deve ser debatida. O autor destaca que muitas mulheres aceitam essa situação porque não conseguem se “livrar” dela, sem falar que a lei em vigência em 2003 também não protegia devidamente as mulheres.

“A violência doméstica é uma realidade muito comum no Brasil. As mulheres apanham muito de maridos, amantes, namorado, noivos, e eu achei que era preciso mostrar isso. Havia uma pressão em cima da personagem Raquel, porque a atitude dela começou a indignar o público, já que apanhava sem protestar. No entanto, não se tratava de um personagem de Nelson Rodrigues. Raquel não gostava de apanhar. Ela aceitava aquela situação na medida em que tinha medo de perder o homem por quem era apaixonada. Com o tempo, ela deixava de gostar dele, mas, até então, era escravizada, porque tinha medo. Havia, naquela relação, algo semelhante à relação entre o escravo e o feitor: um tem necessidade de bater, o outro, de apanhar. Há uma interdependência muito forte. Em um determinado momento, aquela mulher começa a não querer mais ser agredida, mas já era tarde, porque a escalada dele já havia começado.” (Autores – História da Teledramaturgia, 2008, p. 81).

Para Manoel Carlos revela ainda que procura conciliar elementos de melodrama com elementos de realismo, uma das marcas mais fortes em suas obras. Ele faz ficcional misturando uma história real com a ficção, fazendo com que a ficção fique mais realista possível.

O brasil retratado na telenovela

O Real e o Ficcional

No início as telenovelas eram voltadas exclusivamente para o entretenimento, hoje, elas tratam também de temas sociais e desencadeiam discussões na sociedade. Campedelli aponta que “é comum encontrar, nos enredos das telenovelas, fatos reais absorvidos – acoplados a uma personagem ou mesmo copiados” (1985, p. 48). Ela comenta que isso é um processo comum na literatura, sobretudo em romances, que é explicado pelo célebre aviso ‘qualquer semelhança é mera coincidência’, mas que nas novelas muda a ficção, pois mostra a diferença entre o real e o ficcional, dando “um tratamento romanesco ao fato real e trata realisticamente o campo imaginário”.

Já Alencar revela que nos últimos anos a novela deixou de ser apenas uma diversão e se tornou um meio de discussão sobre as questões sociais. Para ele “as telenovelas são objetos

de integração social” (2001, p. 05). O autor completa dizendo que o público cada vez maior as novelas estão enraizadas na nossa cultura.

Nesse âmbito, Arbex coloca que muitos casos da vida real inseridos na novela e casos dela transportados para a vida real, apagam as fronteiras entre os dois causando confusão. Conforme Arbex, a televisão tem a capacidade de criar mundos ditos “reais”, que exprimem uma realidade vivida pelos personagens e que acabam sendo vividas pelos telespectadores, que se identificam com os personagens da novela, vivendo suas emoções sem correr qualquer tipo de risco, em suas casas. A respeito disso, Arbex (2001, p. 47) coloca que “os telespectadores depositam nas criações de telenovela expectativas que transcendem o mundo do ‘faz-de-conta’, como se as imagens corresponderem a pessoas vivas, de carne e osso”.

A vida real começa a fazer parte das novelas e essas são inseridas na vida das pessoas. Tratando do tema Marcondes Filho, afirma que a novela “preenche” o dia-a-dia das pessoas, entrando na vida das pessoas e fazendo com que elas vivenciem os sentimentos dos personagens. Muitas novelas, especialmente as do autor Manoel Carlos, contam com fatos reais em suas tramas. Além disso, trazem as questões sociais para a televisão e acabam revelando inovações da dramaturgia. Como revela Costa:

“Inúmeras novelas, enfocavam questões sociais e problemas brasileiros, como Escalada, cuja trama reconstruiu a trajetória da construção de Brasília. Metáforas levantaram as questões da ditadura e da opressão, destacando-se nessa tendência a novela O Grito, de Jorge Andrade... Assim, se engendrava um gênero próprio da natureza social e crítica, com uma teledramaturgia contemporânea e com inovações em todos os sentidos: no enfoque, nos diálogos, na interpretação e na direção”. (COSTA. 2000, p.156).

Costa revela que as novelas brasileiras refletem a realidade do Brasil e mostra os conflitos entre o bem e o mal, além de colaborarem para tornar a dramaturgia com uma cara brasileira.

A ficção traz entendimento sobre a não ficção

Segundo Arbex “a partir da ficção – mesmo quando apresentada como ficção -, a televisão é capaz de mobilizar as pessoas, criar debates e forjar um simulcrato de ‘participação’” (2001, p.49). Já Alencar comenta que “a partir do momento em que são tirados do real e recriados na tela, passam a ser imitados, como acontece com todos os valores da sociedade de consumo” (2001, p. 90).

As novelas podem mobilizar a população para questões de fundo sociais que são mostrados nas notícias inseridas nelas. Conforme Arbex as pessoas não pensam que os “fatos não existem”, mas ficam na dúvida que aquilo é ou não é real.

“Aceitar, pura e simplesmente, que ‘fatos não existem’ coloca questões realmente embaraçosas, até mesmo insolúveis, especialmente quando se trata de eventos que provocam impacto coletivo e que têm o poder de mudar a vida das pessoas e de sociedades inteiras” (ARBEX, 2001, p. 106).

Segundo Andrade as pessoas incorporam as roupas, objetos e “jeito de falar” das novelas. Além disso, ela revela que a sociedade acaba usando nas ruas os jargões lançados nas tramas. “As pessoas não só assistem à telenovela, mas falam, vestem-se e penteiam-se nas formas e nas modas da novela de maior audiência do momento.” (2000, p. 69). Andrade defende que a influência das telenovelas vai mais além, pautando discussões e ocupando boa parte do tempo das pessoas.

“No entanto, sua influência não se restringe só a este aspecto. Os atores sociais comentam, discutem e tomam partido de personagens com a familiaridade de quem divide com elas seus afetos, emoções e espaços. As conversas nas paradas de ônibus, nas festas nas praças, nas feiras e no trabalho recaem inevitavelmente sobre as personagens de ficção, com uma intimidade claramente cotidiana. Parece fora de dúvida que a telenovela adquiriu, hoje, uma importância concreta no dia-a-dia dos atores sociais. O melodrama televisivo ocupa grande parte do tempo de não-trabalho de todas as classes sociais, e é um dos lazeres fundamentais das classes mais populares.” (ANDRADE, 2000, p. 70).

Dentre essas novelas que evoluíram, retratam a vida real e passam informações para a sociedade, está “*Mulheres Apaixonadas*” escrita por Manoel Carlos. A trama retratou vários assuntos polêmicos, que causaram uma grande repercussão pública, como: bala perdida, maus tratos a idosos, mulher com ciúme doentio e violência contra a mulher.

Entre as ações que ocorreram na vida real e foram transportadas para a novela está a da personagem Fernanda (Vanessa Gerbeli), que morreu atingida por uma bala perdida na cidade do Rio de Janeiro. Essa cena gerou muita controversa e trouxe de volta a situação para a vida real. Segundo Souto Maior a probabilidade da realização desta cena fez com que algumas associações de turismo e hotelaria da cidade tentassem impedir a gravação. Segundo o autor outra cena dessa sequência misturou a realidade com a ficção, a da passeata pelo desarmamento. A passeata aconteceu na realidade e foi organizada pela Globo, com apoio da ONG Viva Rio e, juntou cerca de 40 mil pessoas, entre pessoas “reais”, atores e figurantes, na praia de Copacabana. Essa ação virou cena e foi ao ar na novela e, além disso, ajudou a conscientizar contra o perigo das armas e realizar o referendo nacional sobre o Estatuto do

Desarmamento. A lei federal número 10826, o Estatuto do Desarmamento, de dezembro de 2003 ressalta que "dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição (...)". A lei proíbe o porte de armas por civis, com algumas exceções, só podem andar armados os responsáveis pela garantia da segurança pública, integrantes das Forças Armadas, policiais, agentes de inteligência e agentes de segurança privada.⁴

Conforme Souto Maior outras cenas que tiveram muita repercussão no país foram as das personagens Raquel (Helena Ranaldi) e Marcos (Dan Stulbach), nas quais Marcos agredia fisicamente e moralmente a sua ex-esposa Raquel. Esses personagens ajudaram a aprovar a lei e o programa de prevenção Assistência e Combate à Violência contra a Mulher, conhecida como Lei Maria da Penha⁵. A lei número 11.340 foi sancionada em 07 de agosto de 2006 e traz o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. Perante essa lei o agressor pode ser preso em flagrante ou ter prisão preventiva decretada. Além de não permitir penas alternativas, a lei previu medidas que vão desde a saída do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação da mulher agredida e filhos. A lei ganhou esse nome, por causa do caso da farmacêutica Maria da Penha, que durante anos foi agredida por seu marido. Em uma das tentativas de assassiná-la o marido a deixou paraplégica. Ele só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado.⁶

Dentre as situações reveladas na novela "tiradas" da vida real e inseridas na trama e voltaram para a vida real de alguma forma é a da esposa com um ciúme doentio, a personagem Heloísa (Giula Gam), que por causa desse ciúme vai para o grupo Mulheres que Amam Demais (MADA), que existe na vida real. Segundo Souto Maior "a personagem foi criada a partir de depoimentos de participantes do grupo de Mulheres que Amam Demais (MADA), que Heloísa passa a frequentar na ficção", (2006, p.462). O MADA⁷ é um grupo de recuperação para mulheres que têm como objetivo se recuperar da dependência de relacionamentos destrutivos. Ele foi criado, em 1985, nos Estados Unidos, baseado no livro

⁴ Obtido em "http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Desarmamento", acessado em 23/10/2009 às 22h30min.

⁵ Obtido em "http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha", acessado em 23/10/2009 às 22h45min.

⁶ Veja as informações sobre a Lei Maria da Penha no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm, acessado em 12/10, às 19h10min.

⁷ <http://www.grupomada.com.br/pagina.php?x=apresentacao&tit=apresentacao>, acessado em 23/10/2009 às 22h53min.

"Mulheres que Amam Demais", da autora Robin Norwood. No Brasil o primeiro grupo apareceu em 1994 em São Paulo. O MADA brasileiro conta com mais de 40 reuniões semanais em 13 Estados e no distrito Federal.

Já outra história foi a da jovem Dóris (Regiane Alves) que maltratava seus avós Leopoldo (Oswaldo Louzada) e Flora (Carmem Silva). Conforme Souto Maior, além da atriz levar muitas "bolsadas" nas ruas por causa de sua personagem essa história ajudou a implantar o Estatuto do Idoso no país e auxiliar o Retiro dos Artistas, casa de repouso para artistas. Em setembro de 2003, depois de sete anos tramitando no Congresso, o Estatuto do Idoso⁸ foi aprovado, ele amplia direitos dos cidadãos com idade acima de 60 anos. Mais abrangente que a Política Nacional do Idoso, lei de 1994 que dava garantias à terceira idade, o estatuto institui penas severas para quem desrespeitar ou abandonar cidadãos da terceira idade. Ele garante ao idoso o direito à liberdade, dignidade, integridade, educação, saúde, um meio ambiente de qualidade, entre outros direitos fundamentais. Cabe ao Estado, à Sociedade e à família a responsabilidade pela proteção e garantia desses direitos.

Público revela sua opinião

Para elucidar as teorias apresentadas realizamos uma pesquisa, quantitativa e qualitativa. Com o objetivo verificar o nível de entendimento dos espectadores de novela no que se refere às informações reais dentro da ficção, a pesquisa foi realizada com 35 pessoas de acordo com a acessibilidade da autora deste artigo. Ela foi dividida por sexo feminino e masculino e pelas faixas etárias: 18 a 21 anos, 22 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos e acima de 50 anos.

Dos que responderam que assistem a novelas regularmente a maioria colocou que assiste mais de um horário, mas o mais apontado foi o das 21 horas. Os horários de novelas pesquisados foram os das 18 horas, 19 horas e 21 horas, foram baseados nos horários da Rede Globo, emissora da novela estudada neste artigo.

Considerações Finais

⁸ Obtido em "http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Idoso", acessado em 23/10/2009 às 22h40min.

Neste artigo mostramos que as notícias, a não-ficção, está vinculada com as telenovelas, a ficção. Constatamos que os fatos reais, inseridos dentro da ficção, das novelas, ajudam as pessoas a perceberem de uma forma diferente os fatos jornalísticos. Além disso, notamos que os fatos jornalísticos influenciam a ficção, como é o caso das telenovelas.

Notamos que Manoel Carlos conseguiu, através de “*Mulheres Apaixonadas*”, estabelecer uma relação de identificação entre o real e o ficcional. Mostrando com temas polêmicos abriu espaço na sociedade para a discussão. As histórias contadas na novela saíram de notícias de jornais, foram para a ficção e acabaram voltando para as capas de jornais e revistas, pois mexeram com a sociedade brasileira.

Conseguimos perceber, através deste artigo, que o jornalismo e a teledramaturgia, como as novelas, estão intimamente ligadas. Conforme Marcondes Filho revela, o jornalismo é parente da dramaturgia. Pois muitas vezes as notícias são passadas no telejornalismo como um espetáculo, como se fosse um drama.

Por meio desse artigo podemos concluir que as telenovelas são além de uma forma de arte e de entretenimento, uma maneira de passar informações e valores para os telespectadores. Confirmamos o nosso pensamento inicial, que a sociedade brasileira usa as telenovelas para conjecturar sobre os seus problemas e que as elas influenciam na maneira com que as pessoas percebem as situações do país. As novelas usam os fatos reais para que as pessoas se identifiquem com eles e reflitam através deles, envolvendo os telespectadores nas discussões de temas recorrentes na sociedade, como nos casos estudado aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Mauro. A Hollywood brasileira – Panorama da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: Senac, 2002.
- ARBEX, José Junior. Shownarlismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela. 2001.
- Autores – História da Teledramaturgia. Livro 2, Memória Globo – São Paulo: Globo, 2008.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale – Comunicação: trama de desejos e espelhos. Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.
- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Rio Grande do Sul: EDIPUC/RS, 2001.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. Jornalismo de TV. São Paulo: Contexto, 2005.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. A Telenovela. São Paulo: Ática, 1985.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. A Milésima Segunda Noite – Da narrativa mítica à telenovela, análise estética e sociológica. São Paulo: Annablume, 2000.

CUNHA, Isabel Ferin. Ficção televisiva e entretenimento. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008, Natal.

FERNANDES, Ismael. Memória da Telenovela Brasileira. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FILHO, Ciro Marcondes – Televisão: A vida pelo Vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

LUSTOSA, Elcias – O Texto da Notícia. Brasília: UNB, 1996.

MATTOS, Sérgio – História da Televisão Brasileira – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha. Acessado em 23/10/2009 às 22h20min

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acessado em 12/10/2009 às 19h10min.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_idoso. Acessado em 23/10/2009 às 22h45min

http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Desarmamento. Acessado em 23/10/2009 às 22h30min.

<http://mulheresapaixonadas.globo.com/>. Acessado em 28/09/09 às 21h18min.

The Journalistic Make Reflected in the Scope of the Novel - Case Study of the Novel Women in Love

Abstract: This article studied how non-fiction fits into fiction and makes people change the way they understand real situations, which appears in the fictional narrative of the telenovela "Women in Love". To guide this study we use the exploratory research and method of documentation of bibliographic research to be able to verify how the real information is inserted in the fiction and how this information is assimilated by the viewer.

Keywords: Telenovela, Journalism, Fiction, Reality.

El periodismo Making reflejada en el ámbito de la novela - Estudio de caso de la novela Mujeres enamoradas

Resumen: En este trabajo se estudió la forma en la no ficción cae en la ficción y hace que la gente cambia su manera de entender la situación real, que aparece en la narrativa de ficción de la telenovela "La mujer en el amor". Para guiar este estudio se utilizó la investigación exploratoria y el método de documentación de la literatura para poder verificar la información real se introduce en la ficción y la forma en que la información es asimilada por el espectador.

Palabras clave: la telenovela, periodismo, ficción, realidad.

Recebido: 28.09.2015

Aceito: 05.05.2016